



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 36-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. *Talaba* — Lisboa — Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

Pretensões absurdas

A atitude de franca hostilidade que o actual governo tem revelado para com a classe operária, nomeadamente para com uma corporação tão importante como a ferroviária, corporação que em vários momentos do perigo para a República tem dado a esta o seu mais esforçado concurso, deve ser encarado sob dois aspectos.

Consiste um desses aspectos no propósito que anima os governantes — e quaisquer outros que estivessem no seu lugar fariam o mesmo — de concorrer com o máximo da sua eficiência para que o movimento do pessoal ferroviário seja esmagado, porque isso seria sobremodo agradável ao mundo capitalista, cujos interesses os defensores do poder servem devotadamente, posto que mister seria que as lições dos factos não falassem com iniludível eloquência para supor-se que os homens que governam são susceptíveis de manter-se num terreno de imparcialidade ante duas classes colocadas em situações opostas, dando-se para mais a circunstância de lhes pertencerem a uma delas.

O segundo dos aspectos a encarar reside no facto do governo — e os outros políticos o constituem — dar-se ao mesmo — saber de ciência certa que a sociedade caminha a passos rápidos para uma transformação, e estar na crende de que tal acontecimento poderá ser demorado, se contra os pioneiros do mundo que avançam forem exercidas as maiores perseguições, o que, em seu estreito critério, arrocha o ímpeto das massas, forçando-as a uma paragem que, a dar-se, significaria que as actuais castas dominantes seriam mais tempo para usufruir a situação privilegiada que, prontamente gozam e da qual não querem ser alienadas por preço algum, porque mandam e é fácil, mas produzir é mais difícil.

A batalha que os representantes da classe poderosa estão dando, para fora, a alguns elementos da classe trabalhadora, traduz o desejo de tentar inutilizar criaturas que eles supõem os agentes duma propagação demolidora, quando é certo que ninguém melhor que os nossos adversários se encarrega, com os próprios actos, de contribuir para a derrocada desta sociedade, não se tornando mister combatê-los senão com as armas que a sua inépcia põe nas nossas mãos.

Vivem esses homens pouco argutos na ilusão de que, encarcerando alguns operários, logram fazer deter o pensamento humano, assim como acreditam que, esmagando uma corporação operária, esmagadas serão todas as restantes, se bem que as lições da experiência tenham mostrado a socie-

dade que é falível semelhante critério, tanto mais quando, como entre os políticos deste país, há, invariavelmente, uma acentuada propensão para atacar os resultados, deixando medrar os respectivos agentes, parecendo que ignoram aquele axiomático raciocínio que ensina que não há efeito sem causa.

Lá do combater as causas determinantes dos acontecimentos, que pretendem evitar, é que não são capazes, nem isso mesmo lhes mereço dois minutos de preocupação seria, porque, superficiais como são, enfada-os sobremaneira o exame atento de quaisquer problemas, ainda quando estes se apresentem com a máxima clareza.

Mas quando mesmo assim não fosse, seriam impotentes para atacar o mal de frente, posto que só a tal se abalancassem teriam contra si as forças que os sustentam, forças contra as quais não são capazes de bater-se, porque delas dependem.

Não querem por exemplo os governantes que o operariado se lance em movimentos de reclamação do aumento do salário, mas não curam de promover a baixa de preço dos artigos de primeira necessidade, consentindo antes que a lavoura e o comércio os elevem diamante, conforme sucede presentemente. Pretendem que os trabalhadores se mantenham numa quietude absoluta ante todas as extorções de que cotidianamente são objecto e não são capazes de impedir, por uma acção enérgica, que tais extorções se exorcem. Dessejam que cessem as greves e todavia permitem que os industriais as provoquem, oferecendo regalias ao operariado, conforme vem fazendo muitos daqueles que tem imposto ao respectivo pessoal uma jornada de trabalho mais longa que a que tinham até há pouco, facto este que tem sido origem de bastantes conflitos, alguns deles ainda insolúveis.

Reclamam, enfim, os detentores do poder, da parte do proletariado, muita ordem, muita brandura, muita paz, e acham bem, todavia, que a classe oposta, aliás com a sua ajuda, pretenda escarranchar-se-lhe no dorso, como se fosse possível tolerar serenamente todas as extorções de que é objecto por parte dos nossos comuns inimigos, os quais, supondo-se possuidores de uma força que do facto não possuem, força que lhes é emprestada pelo governo, se sentem animados do intuito não só de contrariar as aspirações do proletariado, mas também do despojar-lo de conquistas já realizadas a custa de muito esforço.

«Vive com a esposa e o filho. Preocupado, se o filho era também bolchevista, respondeu, etc.»

«Naturalmente, respondeu, etc.»

«Leu-me então uma carta que escrevera, a protestar contra a intervenção. Falou do seu velho amor pela Inglaterra e pelo povo inglês. Depois, referindo-se ao velho de mentiras corrido entre a Rússia e o resto do mundo, curvou-se e baixou a cabeça para ocultar as lágrimas.»

«Sofro duplamente, disse ele, depois de ter pedido desculpa desta debilidade de velho, sofro como russo e sofro também, por assim dizer, como inglês. Tenho sangue inglês nas veias. Minha mãe, como vê, parece inteiramente inglesa, e inglesa era minha avó. Sofro como inglês ao ver o país que eu amo, extraviado por mentiras, e sofro como russo porque essas mentiras dizem respeito ao país a que pertenço e às ideias que me orgulho de professar.»

«O velho levantou-se a custo, pois, como toda a gente em Moscova, alimentava-se mal. Mostrou-me o seu Byron, o seu Shakespeare, *Encyclopaedia Britannica*, os seus diplomas ingleses.»

«Com o dedo, apontou-me os retratos depenhorados das paredes.»

«Se eu pudesse dar-lhes a conhecer a verdade, disse ele, a esses meus amigos de Inglaterra, com certeza que haviam de protestar contra actos que são indignos daquela Inglaterra que todos nós amamos.»

Como se vê, Ransome não pôde nada senão.

Mas que dos dizem os leitores a esta cena pungente?

«Que nos dizem a este sábio ancião que apela para os homens de ciência, seus amigos, como o proletariado russo emancipado pela parte os operários de todo o mundo, seus irmãos?»

NOTAS & COMENTÁRIOS

A destruição de produtos

Continua em França a agitação contra a carestia da vida, vindo à supuração inúmeros factos de refratamento da produção, assambarcamento e até destruição de produtos, pondo a nudivida dos mais ingéniosos os males de que enferma a sociedade burguesa.

No mercado central de Paris, certos produtos — nomeadamente legumes e fruta — tem aparecido em abundância mais do que suficiente para determinar uma baixa. Mas a baixa não se dá. Os assambarcadores preferem deixar apodrecer os gêneros, como sucede todos os dias a enormes quantidades.

Numa das ocasiões em que lá entrou um dos redactores do *Populaire*, eram lançados ao ruído dos câmbios de cenouras, que tinham estado caríssimas.

Na carne observava-se o mesmo fenómeno de assambarcamento e de preços provocados, apesar de ter cessado a falta do género.

«É uma única acção, em França, como em toda parte. Outros factos aqui apontamos, verdadeiramente característicos.»

O mal é profundo e só desaparecerá com a sociedade capitalista, que o tem, irremediável, nas entranhas. Mas os especuladores e os parvos atribuem tudo — as greves!

As greves tem costas largas, encobrem tudo, supõem os entusiastas da greve.

Argueiros

«Todos os que vem no olho do vizinho. Dias mazelas próprias e que muitos não tem o condão de aperceber-se. Por isso talvez no jornal do conservantismo republicano se fale dos caracteres de brios ou acomodaticios, que, na sombra, procuram, com falsidades e ficções, equilibrar-se na corda bamba das atitudes amorais, nem peixe nem carne, servindo, a um tempo, a Deus e ao Diabo, prontos, no primeiro lance, a dar o golpe ou a fazer o salto, com quem está de cima e com quem, de baixo, canta no poleiro!»

Quem fala, santo Deus, quem fala!

Krapótkine

De fonte absolutamente segura, diz um jornal francês, recebemos esclarecimentos respeitantes à situação oficial de Krapótkine. Não se allowe ao regime bolchevista, como alguns se afirmam. Todavia, não lhe declarou guerra. Considera-o, no entanto, libertador da população russa, como uma crise passageira, depois da qual se produzirá um entendimento entre os actuais ditadores e todas as outras facções socialistas e elementos avançados. Duma maneira geral, Pedro Krapótkine confia plenamente nos destinos da revolução, se bem que já, em várias conjunturas, se tenha manifestado contrário à marcha da República dos Soviéticos. Apesar de tudo podemos registadamente declarar que, apesar das críticas, por vezes acerbas, expressas contra a política dos ditadores russos, Krapótkine não é alvo de quaisquer medidas de perseguição por parte das autoridades soviéticas.

Respeitado, e conserva inteira liberdade de acção.

Os sindicatos russos

O *Avanti!* de Milão publica um apelo do Conselho central dos Sindicatos operários russos ao operariado dos países Aliados. O apelo diz em resumo o seguinte:

«Desde que, há cerca de dois anos, o proletariado russo ousou despedaçar as cadeias do tsarismo e do capitalismo, a burguesia internacional lançou-se contra ele, alimentando e armando os contra-revolucionários e traidores do interior, assim como os bordados romenos e polacos, as guardas brancas, cecos, lituanos, e alemães, a reacção militarista finlandesa. Os Aliados ocidentais, Arábia, Itália, Grécia, Dinamarca, e Judéitch, os meios de ataque e o mentado de revoltas de guardas brancas no interior da Rússia. Versalhes é de novo o quartel-general da reacção, como em 1871 contra a Comuna de Paris.»

«Está o proletariado da Entente disposto a consentir que os seus governos prossigam na sua tarefa de reacção? Os trabalhadores russos lutarão até ao fim sem desanimar, cheios de fé no triunfo, mas esperam no seu posto de vanguarda que os operários da Entente venham em seu auxílio.»

Um pastelão

O editorial de ontem inserido no órgão do conservantismo republicano tratava da Rua. É de tal forma era a coisa cozinhada, que não chegámos a perceber coisíssima no embroglio: «A Rua, definida a articulista, é a escumalha da sociedade que erra por aposentos de luxo.»

Vários outros destempestos seguem tendentes todos a complicar a questão. O que virá afinal a ser a Rua para o talentoso jornalista, dado que nela estão incluídas até as pessoas de que permeiam em casa, ou, como diz o articulista, que «erram em aposentos luxuosos»? Errar em aposentos luxuosos não é frase má de todo para figurar num museu onde os pósteros se elucidem. No fim de contas, a única coisa que erra ou está errada no pastelão editorial vem a ser a vocação do rabiscador, e se ele fosse fazer coheres, emquanto outra qualquer ocupação se lhe não deparasse?

Interesses vinícolas do Douro

Os drs. Antão de Carvalho Macedo Pinto, membros da comissão de viticultura da região de vinhos generosos do Douro, tiveram ontem demorada conferência com o ministro da agricultura, acerca de interesses vinícolas daquela região.

A derrocada?

O sr. Mayer García apreciava ontem, na *Manhã*, o nosso editorial de quinta-feira, em que comentávamos a queda da comuna da Hungria, levada a efeito pelas forças militaristas da Internazional capitalista e não por uma revolução popular, que só se podia dar desde que as intrigas da burguesia conseguissem tornar hostil à República proletária o operariado húngaro, porventura pouco consciente, o que seguramente não sucedeu. Diz o sr. Mayer García que a *Batalha*, nesse artigo, reconhece que a causa do bolchevismo está sendo batida e que, porventura, não tardará, com a derrota definitiva dos Lenine e Trostsky, na Rússia, a ficar absolutamente perdida. Ora nós não afirmámos isso. Descrevemos unicamente a situação em que se encontram as Repúblicas Socialistas, tal como ela é. Assim, reconhecemos que há a necessidade inadiável do proletariado ocidental impedir a intervenção dos aliados na revolução moscovita, intervenção que é o seu único grande perigo, porque não poderão os exércitos vermelhos de fronteira-se por muito tempo e vantajosamente com forças superiores, que lhes fazem um bloqueio rigoroso e que recebem continuamente viveres e munições de toda a espécie, estando munidas dos mais aperfeiçoados e formidáveis aparelhos bélicos, ao contrário dos russos que, saindo, quase que arruinados da grande guerra, pagando à Alemanha, pelo tratado infame de Brest-Litowsky, pesado tributo, não de lutar com tremendas dificuldades para resistir vantajosamente às expedições francesas, inglesas, americanas e italianas, aos exércitos de Koltchak e Denikin, e às manobras dos agentes dos aliados no interior do país, baseadas na fome, consequência do bloqueio dos aliados, que vitima milhares de crianças e velhos, e tendentes a levar as massas a prestar decidido apoio à causa dos contra-revolucionários czaristas e opressores. Daí a afirmar que a causa do bolchevismo está perdida, vai uma grande distância. O bolchevismo representa na Rússia as aspirações de emancipação social existentes em todo o mundo, com designações várias e doutrinas um tanto divergentes; poderá, momentaneamente, como na Hungria, ser esmagado pelas armas da reacção; poderá ser trucidado, como quando da Comuna de Paris, milhares e milhares de revolucionários, mas o desejo ardente de exterminar todos os privilégios e as injustiças sociais continuará, fermentando entre as multidões operárias até que um dia exploda com formidável ruído, dando morte à actual sociedade de militarista e burguesa.

Ausa o sr. Mayer García *A Batalha* de, dando como fruto da fantasia burguesa os sucessivos telegramas que projectavam a derrota bolchevista, trucidado a verdade. Será difícil ao conhecido escritor republicano, e que em tempos não desdenhava tanto do corpo de doutrinas que preside à evolução proletária, provar a verdade dessa afirmação. Este jornal, no que respeita ao sucesso da Rússia, talvez tivesse deturpado, com efeito, a verdade; mas essa deturpação só a fez danar a publicação de telegramas das agências burguesas, sempre forjados com o manifesto de desacreditar a Revolução Social do Oriente, procurando fazer acreditar que, nos países em que domina, os revolucionários cometem nefandos crimes e que são sucessivos os reveses que lhes infligem as tropas ao serviço do capitalismo. A órdi as palavras das agências, do género das que ainda há pouco foram exportadas para o país vizinho, temos publicado nestas colunas, indicando os respectivos autores e, nuns livros ou revistas onde foram publicados, escritos com um pouco de luz, espalharam sobre o que se passa nesse pedaço da Europa oriental, escritos geralmente da autoria de criaturas que não podem ser suspeitos de bolchevistas ou de simpatizantes do bolchevismo. Basta ao sr. Mayer García percorrer alguns números deste jornal para verificar a verdade destas nossas palavras. Nós não mentimos; temos por costume, como operários rudes mas sinceros, dizer toda a verdade, ainda a mais amarga e dolorosa.

O sr. Mayer García divaga, depois, sobre o terror vermelho, dizendo não ser rigorosamente exacto que ele se possa justificar com o terrorismo da Revolução Francesa, que, em sua opinião, foi um mal, porque se ele não se tivesse dado, uma maior resistência, talvez invencível, tivesse encontrado o aventureiro que, tendo saído do seio da Revolução, acabou por estrangular a Liberdade, sem a qual nada teria sido. Temos quasi a certeza de que, percorrendo os numerosos escritos do sr. García, nem sempre encontraríamos a acusação de que Napoleão estrangulou a Liberdade, antes ficaria a recolha de frases mais ou menos eloquias. Disso, porém, não estamos tratando e a tirania da falta de espaço não nos permite alargar em divagações. Voltemos ao assunto, pois. Segundo o sr. Mayer García, teria sido útil para a Revolução Francesa evitar o terror. Concordamos, para mais que a mesma opinião temos acerca da Revolução russa. Não é o nosso desejo que a transformação social se consiga à custa de muito sangue; como amigos do género humano, repugnamos isso. Porém, o terrorismo francês, como o russo, não estava nos intuitos dos revolucionários; estes foram obrigados a lançar mão dele, na ansia de defender os seus ideais. A Revolução de Paris recebia as punhaladas mais traiçoeiras, na Vende e no Bogue, do campão rude e ignorante, arrastado pelos padres ao serviço dos emigrados de Colbent, fazia guerra de morte aos voluntários da Revolução; Brunswick, à frente dos exércitos da co-

ligação dos reis da Europa, invadia a França, conquistando Verdun; no interior, os reacçãoários redobravam nos seus maneios, fomentando a guerra civil e provocando, pelo lançamento no mercado de muitos milhares de assignados falsos, a bancarrota do Estado revolucionário. Perante esses ataques, os jacobinos defenderam-se; guilhotinaram os girondinos, porque interpretaram o seu moderantismo como uma aliança com a reacção; perseguiram todos os inimigos da República e o sangue correu em ondas e o terror de 93 está cheio de iniquidades porque muita gente que não era contra-revolucionária ou, sendo-o, tinha perpetrado um crime mínimo contra a Revolução, subiu ao cadafalso. Apesar disso, hoje, ao analisarmos a Revolução Francesa, ao estudarmos todos os seus pormenores, encontramos explicação ao terror jacobino, e aos olhos de todo o amante da Liberdade, ele não diminui a formosura da Revolução Francesa, gesto formidável naquele tempo, em que a Europa gemia debaixo do jugo dos reis absolutos e dos senhores feudais.

O que se deu com a Revolução Francesa, repete-se hoje com a Revolução russa. Os revolucionários estão, igualmente, bloqueados por todo o mundo burgues; nas fronteiras lutam com os exércitos da nova Santa Aliança; os ataques que a Revolução recebe no interior, forçam-nos a defesa; tiveram de se lançar no terror vermelho, para exterminar o terror branco. Erraram os revolucionários? É possível. Preferiríamos que os actos da Revolução Social tivessem a alvura immaculada das suas doutrinas. Todavia, a beleza do seu objectivo, subsiste. No futuro, aqueles que a apreciarem, reconhecerão esta verdade e o terror vermelho, tal como o terror francês de 93, terá a sua explicação.

Aponta o sr. Mayer García as censuras deste jornal ao proletariado da França e da Inglaterra por não terem secundado devidamente as Repúblicas Socialistas. Discorda dessas censuras, não as acha justificadas porque, assim, «ele continua a ser uma forte reserva da causa da progressiva emancipação social». Possível é que assim seja lá fora. Aqui, em Portugal, os operários não podem constituir tal reserva da causa da progressiva emancipação social, porque, lhes não reconhecem direitos, porque são espionhados, maltratados, perseguidos. Encerram-se as associações com a maior sequestração, prendem-se os operários sem se lhes comunicar o delito que tal motivo, pondo-os em liberdade no fim de muitos dias de doloroso cativeiro, sem serem submetidos a um interrogatório, sem se averiguar da sua pretensa culpabilidade. Ainda há poucas semanas estavam nesta casa trabalhando muito sossegadamente, quando fomos cercados pela força armada que, de carabinieri, prontas a disparar, intimou os operários que se encontravam na sede desta jornal e dos organismos que no mesmo edifício estão instalados, a sair. Depois, fomos atirados, juntamente com mais de duas centenas de operários, para o imundo picadero do quartel do Carmo, sem que os defensores, mais ou menos brilhantes da «Liberdade» e da «Democracia», inimigos fidejados dos valerosos revolucionários russos, que tantas dores de barriga estão causando, aos burgueses, erguessem o mínimo protesto.

«Hoje não queremos alguma coisa! Queremos tudo!» E está certo o sr. Mayer García, de que os operários franceses e britânicos, a despeito de tal discordância dos falsos apostolos que assaltaram alguns dos seus organismos, pensam da mesma forma, sendo muito possível que, dentro de poucos anos, possamos registar nestas mesmas colunas o estrebuchar da sociedade burguesa e o surgir de uma outra sociedade onde todos trabalhem, onde todos tenham pão, onde se não dê o lamentável espectáculo das actuais democracias onde há armazéns cheios de gêneros alimentícios e de artigos de vestuário, ao passo que milhares de criaturas não têm uma coada endurecida de pão para mitigar a fome nem uma vestia, ainda que modesta, para cobrir as carnes dilaceradas pelas intempéries.

A Casa dos Trabalhadores

O alvitre do camarada Eduardo de Freitas, de uma grande subscrição nacional operária para a construção ou compra de um edifício para sede própria dos sindicatos, da U. O. N., da U. S. O. e de *A Batalha*, foi recebido com entusiasmo pelo operariado.

A nossa redacção tem chegado várias cartas contendo palavras de incentivo umas, reparos outras, à forma apresentada pelo proponente, de obter o dinheiro necessário para a execução do seu alvitre.

Registando com prazer o interesse despertado, tam depressa conseguimos aliviar o mármore, do original retirado por absoluta falta de espaço, daremos gostosamente a sumula de toda a correspondência a esse respeito recebida.

Saúde pública

Segundo o boletim de saúde interna apresentado na última sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 7 de febre tifóide, 1 de meningite e 8 de varíola.

Em regime democrático



FRA TERERNIDADE

EM VOLTA DUM PROJECTO DE LEI

SINDICALIZAÇÃO OBRIGATÓRIA

«O dr. Camezas não errou o alvo, não. O alvo é que se lhe furta a pontaria.»

Tem o projecto dez artigos apenas, mas que são, como disse, todo um programa tentador... para os arrivistas, para os inexperientes, para não ver a corrupção que sob o seu manto se faz, tem numa das mãos uma balança pendendo sempre para o lado do mais fraco e alviando o que mais pode; não se recorda que para vencer um pleito de certo valor tem de ter sempre a bôla aberta para pagar aos advogados chicaneiros, que sempre enfiavam quando o presidente que o cliente dispõe de dinheiro. Não se recordam, em suma, que se uma ou outra vez conseguissem vencer um pleito jurídico, depois de inúmeros esforços, baixezas e dinheiro gasto, outros haveria, pela certa, que perderiam, tendo que pagar custas, selos, multas, etc., que os deixariam financeiramente arruinados — apesar de se suportarem com a máxima razão e justiça.

Sobre o artigo 1.º, algo disseram já e mais diremos na devida altura, o mesmo acontecendo quanto ao artigo 2.º.

O artigo 3.º diz: «Os grêmios locais, uniões, as federações e a Confederação Nacional do Trabalho serão consideradas pessoas jurídicas, podendo demandar e ser demandadas em todas as instâncias.»

«No relatório que antecede o projecto, lê-se: «Atentamos ainda na atribuição da personalidade jurídica dos organismos operários, velha e justíssima reivindicação, rica de consequências felizes que podem ir até ao contrato colectivo de trabalho.»

Ora vamos lá descobrir um dos lados da manobra do dr. Camezas.

Eu só considero *velha reivindicação* aquela reclamação que por largos anos é formulada por todo o operariado organizado. E não me consta que em cerca de 20 anos de luta social que atravessou qualquer congresso geral do operariado português, ou alguma das centrais já existentes, houvesse formulado tal reivindicação.

Tem havido, efectivamente, muita ou pouca localidade do país, paldas manifestações verbais de indivíduos ou sindicatos, isoladamente, neste sentido, todavia sem repercussão, sem o carácter de generalidade duma reivindicação sentida e por todos desejada.

Se são essas manifestações isoladas — mas não necessárias — que o autor do projecto considera *velha reivindicação*, permita que lhe observe que se enganou, aplicando mal a frase.

Aquelas manifestações isoladas são o produto da inconsciência e da boafé em indivíduos que vêm as coisas pelo melhor prima em momentos de esquecimento da forma como são aplicadas as leis, elaboradas pelas castas dominantes e para seu benefício exclusivo.

Com efeito. Em certos conflitos entre operários e patrões, algumas vezes se ouve a manifestação dum ou doutro sindicato de que as associações deveriam ter personalidade jurídica para fazerem cumprir a lei, sempre que a fuligem desrespeitada com prejuízo para os operários, nomeadamente nas questões em que interveem os tribunais de arbitros avიდores.

Esses indivíduos vêm apenas o verso da medalha e o dr. Camezas vai-lhes a mão, satisfazendo-lhes a vontade, mas sem lhes mostrar o reverso.

Tenhamos, pois, mostrar-lhes nós... Suponhamos que é dada personalidade jurídica aos sindicatos. Estes, na melhor boafé, a propósito duma questão de trabalho simples entre um patrão e um operário e cónscios de que justiça lhes assiste, entregam essa questão, para ser resolvida no tribunal, confiados na imparcialidade do juiz e dos jurados. Admitida esta hipótese, o sindicato não se recorda de que a lei só é feita para benefício do usurpador, do patrão, do burgues; não se recorda que os jurados são dos maiores contribuintes, isto é, de comerciantes, industriais, proprietários, banqueiros, etc., e que o juiz, como o procurador da república, o escrivão e todos os ratos e ratinhos do tribunal, são indivíduos encucarados de

fazer cumprir a lei, que da lei e para a lei vivem; não se recordam que a véspera justiça burguesa, representada pela *Temis* de olhos vendados, para não ver a corrupção que sob o seu manto se faz, tem numa das mãos uma balança pendendo sempre para o lado do mais fraco e alviando o que mais pode; não se recorda que para vencer um pleito de certo valor tem de ter sempre a bôla aberta para pagar aos advogados chicaneiros, que sempre enfiavam quando o presidente que o cliente dispõe de dinheiro. Não se recordam, em suma, que se uma ou outra vez conseguissem vencer um pleito jurídico, depois de inúmeros esforços, baixezas e dinheiro gasto, outros haveria, pela certa, que perderiam, tendo que pagar custas, selos, multas, etc., que os deixariam financeiramente arruinados — apesar de se suportarem com a máxima razão e justiça.

Sempre os tribunais fizeram do torto direito e do direito torto, anomalia que mais se manifesta contra a classe operária desde que estejam em jogo os privilégios e interesses capitalistas.

Na Inglaterra as Trade-Unions tem personalidade jurídica, uma das habilidades dos políticos dominantes daquele país. É facto sabido que aqueles organismos sempre possuíram fortes coítes.

Pois tem sustentado pleitos fortes nos tribunais com o patronato, e por um que ganham, perdem três.

Os seus cofres esgotam-se a cada passo, porque as multas que pelos tribunais lhes são impostas sobem a milhões.

Os cofres dos nossos sindicatos são fracos, é certo, mas não é para serem fortes que o dr. Camezas apresentou o projecto de lei para a sindicalização obrigatória?

Por aquele processo abundarão as cotas, a dinheirama, que irá direitinha para os tribunais, para sustento de *ratos e ratinhos*, quando se os sindicatos a estrebuchar na emaranhada teia do dr. Camezas, desviando-se, da sua trajetória revolucionária e emancipadora, e do patronato a escorar a sua miséria escravizadora por tempos sem fim.

Envolvias as Uniões, Federações e Confederação na mesma teia, calcule-se se a ideia do dr. Camezas era ou não obra acabada e *five* para a burguesia.

Mas o dr. Camezas, neste capítulo, quer obra completa, *rica de consequências felizes que podem ir até ao contrato colectivo de trabalho.*

Quer, primeiro, tapar a boca o prender a língua ao proletariado com a personalidade jurídica, pôste que a lei, embora dura, tinha que cumprir-se, mesmo injustamente aplicada sem protesto.

Com o contrato colectivo de trabalho, quer atar-lhes as mãos e veremos que, com as restantes adjacências do projecto acabaria por tirar a vida ao sindicalismo, se outros fossem os tempos.

O proletariado inglês acitou por muito tempo aquele sistema de contrato. A breve trecho, porém, rompeu com ele. O contrato colectivo foi considerado vantajoso pelos operários, mas apenas no acto em que ele era fixado. Entretanto, as condições de vida aliavam-se, novas necessidades se criavam e a experiência demonstrou-lhes que tais contratos só tinham por fim, por parte do patronato, prender os mais ainda as duras condições de assalariado com carácter permanente e iniludível.

Ainda agora o proletariado norte-americano tem sentido os prejuízos que resultam do contrato colectivo do trabalho, sistema que também adopta, mas, tendo várias corporações declar-

A dor dum sábio russo

Uma página comovente do livro de Ransome

Temos aqui falado do notável livro de Artur Ransome sobre a Rússia (*Six Weeks in Russia in 1919*), livro sempre documentado e interessante e por vezes pitoresco. Vamos hoje arrancarlhe uma página para a servir aos nossos leitores.

«A página em que o autor, sempre impassível, relata sem comentários, sem traír os seus sentimentos, a entrevista que teve em Moscova com o eminente homem de ciência russo prof. Timiriazev.

Timiriazev, o maior darwinista russo, é conhecido nas rodas científicas inglesas, sendo doutor pela Universidade de Cambridge e membro da *Royal Society*, e, como tal, o seu vasto saber, a sua reputação moral e científica, este sábio, de educação inglesa, abraçou as ideias bolchevistas e pôs-se ao lado dos gigantes que os pigmeus, os inenarráveis pataratas e charlatões do jornalismo burguês internacional andam a caluniar há cerca de dois anos.

Mas oíçamos a voz calma e fiel do escrupuloso entrevistador, reproduzindo o apelo pungente dirigido por um sábio aos seus amigos:

«Venerável, velho, sábio, achava-se vestido, vestindo um roupão verde, pois o seu pequeno aposento era frio, e escrevia. Pelas paredes, viam-se retratos de Darwin, Newton, Gilbert, e de homens de ciência contemporâneos com ele relacionados. Por todos os cantos, livros ingleses. Dei-me dois exemplares da sua última obra científica, e do seu último retrato, destinando a dois dos seus amigos na Inglaterra.

«Venerável, velho, sábio, achava-se vestido, vestindo um roupão verde, pois o seu pequeno aposento era frio, e escrevia. Pelas paredes, viam-se retratos de Darwin, Newton, Gilbert, e de homens de ciência contemporâneos com ele relacionados. Por todos os cantos, livros ingleses. Dei-me dois exemplares da sua última obra científica, e do seu último retrato, destinando a dois dos seus amigos na Inglaterra.

«Venerável, velho, sábio, achava-se vestido, vestindo um roupão verde, pois o seu pequeno aposento era frio, e escrevia. Pelas paredes, viam-se retratos de Darwin, Newton, Gilbert, e de homens de ciência contemporâneos com ele relacionados. Por todos os cantos, livros ingleses. Dei-me dois exemplares da sua última obra científica, e do seu último retrato, destinando a dois dos seus amigos na Inglaterra.

«Venerável, velho, sábio, achava-se vestido, vestindo um roupão verde, pois o seu pequeno aposento era frio, e escrevia. Pelas paredes, viam-se retratos de Darwin, Newton, Gilbert, e de homens de ciência contemporâneos com ele relacionados. Por todos os cantos, livros ingleses. Dei-me dois exemplares da sua última obra científica, e do seu último retrato, destinando a dois dos seus amigos na Inglaterra.

«Venerável, velho, sábio, achava-se vestido, vestindo um roupão verde, pois o seu pequeno aposento era frio, e escrevia. Pelas paredes, viam-se retratos de Darwin, Newton, Gilbert, e de homens de ciência contemporâneos com ele relacionados. Por todos os cantos, livros ingleses. Dei-me dois exemplares da sua última obra científica, e do seu último retrato, destinando a dois dos seus amigos na Inglaterra.

NOTAS E IMPRESSÕES

As subsistências...

Lá que o inventor das fechaduras foi um grande patife não há dúvida nenhuma. Eu não sei quem teria sido o grande homem e estou mesmo firmemente convencido de que o seu nome se perdeu na noite insondável dos tempos. De modo que, desconhecendo, não tendo, por isso, recio, demais a mais estando já morto e bem morto, de lhe chamar patife e malvado. A qualidade de patife e malvado não exclui a de esperto e inteligente, e assim vemos que esse espírito previdente e acatelado que construiu o primeiro aparelho desse género criou a propriedade e tornou possível o roubo. O roubo é, de facto, o efeito imediato da existência das fechaduras. E como não há ninguém que não possua uma chave, não há quem não possa fazer travar o mecanismo das fechaduras. —daqui se conclui que todos nós desconfiamos uns dos outros, ao menos ufanisticamente, que todos nós somos gatinhos. Cada qual oculta aquilo de que se não quer ver privado e, logicamente, se o mercetário conceituado aforra prudentemente o seu dinheiro e o seu azeite, o trabalhador atilado, prudentemente se conduzirá guardando sob o poder mirabolante do maldito engenho os brinços da companhia, comovidos em bom tempo, e os seus bicos com que lhe, a patrão e os seus bicos de fazer negações à barriga, durante seis dias de extenuante labor e um dia de descanso, visto que este último dia da margem a pensar um pouco na vida, se não preferir pensar nos variadíssimos e acepitados menus que as sessenta e duas horas do dia podem facultar pela eterna semana fora.

Ora, isto aqui para nós que ninguém nos ouve, o trabalhador não pensa bem conservando em todas as suas gavetas inúmeras fechaduras, servidas por uma alavêria de chaves, pois o que ele tem para guardar e nada é uma e a mesma coisa. Os brinços estão certamente no prego, as roupas estão no fio, as camisas —já se há de ao longo de ter semelhante objecto dum tam gentil e confortável —já se há de ter interiores das duas das meu visinho drogista, e o dinheiro não sofre o contacto do fundo da gaveta de muitos rigorosos. Se desse contacto houvesse, de resto, a possibilidade de se reproduzir a espécie, bem estaria porque, em rigor, o tempo chegava e seria até de mais. Mas qual? O dinheiro só gramaticalmente tem sexo e a gaveta também. De modo que vou, é todo para dar aos outros, e, mais tolo aqui, menos vintem acida, a breve trecho lá se vai a ginta com que há de apertar o bandulho, durante sete dias, uma família inteira.

A pretexto, porque o honesto comércio vive de preceitos, dum greve ferroviária, o mercetário tondelesse, transformado em gato, brincando com o rato, sonaga patrioticamente os seus géneros, e o intermediário ou o produtor humanitário, servindo-se das suas numerosas chaves, não menos patrioticamente deixa esticar de laria a misera carcassa da eterna vítima, que não precisa de vinho quindado nem de pilulas de quinho para estimular o apetite. O apetite...

A gente conhece, por ouvir dizer, que Lúcio comia muitíssimo bem, que Gargantua e Pantagruel não se contentavam com qualquer isca entalada e o profano dos vasos sagrados do templo de Jerusalém não mandava sardinhas assadas quando Ciro o obrigou a engulir a sobremesa mais depressa do que ele imaginava. A gente abre a boca de espanto, em presença da vida inteira e dos seus leitões, dos carneiros, das lebre, das galinhas e dos sessenta adros de vinho que serviram para a empanada de nupcias do porco Camacho. Abre a boca e fica-se por aí, porque nem para a miséria parte nos dão licença que ganhemos. De resto já o outro dizia que o barri-

NA MANUTENÇÃO MILITAR

O SR. DIRECTOR

continua a série das suas proezas contra os operários — A pretendida militarização

Continua o «sr. director» da Manutenção Militar a empregar sobre os operários deste estabelecimento do Estado toda a sua ferocidade.

Julgávamos que nos calariamos, enfim; que mais não seríamos forçados a dizer sobre as atrocidades daquele militar, que as suas proezas ficariam por aí. Mas não. Enganamo-nos.

O «sr. director» continua com a sua teimosia de militar, perseguindo os operários que se negam a representar o papel de palhaços para divertimento de s. ex.ª. Teima ele, em formar, dumha multidão de operários um batalhão de soldados, com a sua escala de cabos e sargentos, de oficiais inferiores e superiores.

Acostumado à cadência do marchar dos regimentos, e à uniformidade do quatro à direita, o sr. coronel quer fazer dos operários que empregam a sua actividade nas fábricas de que é director em chefe, um regimento de seus subordinados. E vá de ordenar o fardamento dos trabalhadores que não são soldados; que o foram no tempo que a lei determinava que os operários das fábricas com o podiam ser cá fora. Duas divisas para uns. Três para outros. E mais uma estrelinha no boné, e mais um galão dourado acima do cotovelo. Mas não é tudo! Mais não é tudo! Sábias sempre pretas para o pessoal feminino. Galões verdes para as categorizadas.

E não tardaria, se o pessoal se amoldasse à casta determinação, que os operários fossem todos os dias na parada, enquanto o comandante em chefe, lá do alto da secretária, faria sinal ao cometeiro para locar ao trabalho.

«Quatro à direita... voltar...»

Ordinário, marchem! E era então que os operários sargentos tomavam o ponto.

«Numerar!» «Um... dois... três... quatro!» «Destrocar!»

Era isto, sem dúvida o que satisfazia o sr. director. Só assim se daria por satisfeito o seu espírito de tropa.

Mas os operários não são soldados agora. São trabalhadores que empregam a sua energia para angariarem os meios de subsistência. Não servem o sr. director. Servem o estado. E servem o Estado como outro patrão qualquer.

Soldados foram-no no seu tempo. Bastou-lhes a farda dessa época. Bastou-lhes, e de mais, a disciplina da caserna dos tempos em que foram recrutados. Hoje está fora da idade.

E as mulheres! Também elas militarizadas. Também as mulheres, ali, como soldados, fardados e em forma.

E quanto a estas, o escândalo atinge um grau elevadíssimo. É o cúmulo do descaramento.

Diz a «ordem» do sr. director: «Todo o pessoal feminino, em serviço na Secretaria geral, secção de contabilidade, dactilografia e telefonia, usará como uniforme vestido preto avental branco e sapatos ou botas de salto alto».

«Todo o pessoal feminino em serviço de ordenança, empregadas de escrita ou balcão e operárias chefes de turno, usará batina branca do modelo actual, na cabeça uma touca da mesma cor e do modelo também actualmente em uso, e sapatos ou botas de salto alto».

A BATALHA

A GREVE FERROVIÁRIA

A juntar a tantos atropelos que à corporação ferroviária tem sido infligidos, à ordem do governo, mais um há a registar hoje

Segundo a nota oficial do Sindicato Ferroviário que abaixo publicamos, o comandante da força militar que está no Entroncamento, ordenou o encerramento da cooperativa ferroviária, por ela abastecer os grevistas. Estamos habituados a registar violências de toda a espécie nestas colunas; nunca esperamos, porém, que o desrespeito pelas leis que nos regem, atinja este cúmulo. De tudo lançar mão as autoridades para esmagar a valerosa classe ferroviária, desde as mentrosas informações a que a imprensa burguesa dá acolhimento, até as arbitrariedades mais revoltantes. Muito perseguida é esta classe! De resto, explica-se; a burguesia recata que os ferroviários, despertando para a luta social, para a conquista de uma sociedade mais perfeita, se resolvam a, por completo, desprezar a política baixa e rasteira, enfileirando ao lado das outras classes operárias, há tantos anos empenhadas em ardar no bom combate!

Nota oficial do Comité Central

Foi imponente a última reunião na Caixa Económica, onde mais uma vez a classe mostrou que quer não e não cobrir-se de vergonha; e, porque assim é, estamos-la com a maior eufusão. Pena é, saudamos longe e não poderemos dar um abraço a todos os bons lutadores.

Um jornal que para aí há e que se chama também jornal, diz que a nossa greve de quando em quando toma vida resurgindo quando parece que está morta, caminhando, assim miseravelmente, sem simpatias e até repudiada pela própria classe.

Muito bem, assim mesmo é que se fala e tudo o que vos faz mal é isso. O oxigénio que nos vai dando forças é a razão que nos assiste, e a raiva de tantas patifarias de que temos sido vítimas e alvos.

O dinheiro que nos alimenta não é alemão; é das massas trabalhadoras que nos ajudam, o que nós do coração agradecemos.

Há também uma coisa que nos dá bastante força; são as palavras de Sá Cardoso e a política do Conselho da Administração da C.P., em companhia do sr. Brito Camacho.

Bem sabemos que todos julgavam aniquilados ao quarto ou quinto dia de greve, e, como nada conseguiram nem conseguirão, ralam-se e dão por paus e por pedras. Tenham paciência, que nós cá estamos e continuaremos a estar até que da vossa parte haja um pouco de consciência... ou vergonha de serem os principais inimigos da nossa terra.

É tanta a vontade de dizer mentiras, que o comandante de uma força ali para o Norte, diz que se apresentaram 200 grevistas e 20 maquinistas, quando a C.P. tem, dos primeiros menor número, ou, sejam uns 175. Maquinistas se pode considerar apresentado um pela segunda vez, assim como outro fogueiro que já noutro tempo foi rejeitado por incompetência, sendo hoje maquinista.

Há ainda um outro, mas como é quasi cego, pouca segurança merece à marcha dos combates que guia.

Resumindo: Tudo o que estava na «sueta» aproveitasse agora para ver se nos deixamos ludibriar.

De todas as partes da linha nos incutem animo para a continuação do nosso grandioso movimento.

Nota Oficial do Sindicato

Mais uma violência, mais uma atrocidade cometida pela autoridade militar e permitida pelo governo. O comandante militar no Entroncamento, mandou ilegalmente fechar a Cooperativa Ferroviária, simplesmente porque ela fornece géneros aos grevistas; pura arbitrariedade; a maior das violências, e como se isto fosse pouco ainda, não consente que os grevistas vão à praça adquirir os seus mantimentos...? Que obrigar-nos a morrer à fome...? É bastante humanitário o seu procedimento!

A classe proletária e o povo em geral, que lhe faça os comentários, porque aqueles que a nossa revolta nos aconselha a formular, faz-nos calar, a moral pública...

Diz o governo e Companhia que o serviço ferroviário está normalizado. Outro tanto não pode dizer o deputado democrático sr. Francisco Cruz, que ontem teve que fazer uma viagem até Cacerem na retrete do fourgon.

nasas na alfândega, e até há quem afirme que nessa ocasião se fez sair um barco que ali estava carregado desses produtos, ou se sustou a entrada dele. Os jornais traziam anúncios de uma casa que os oferecia em grandes partidas, etc., mas o caso é que a alta deu-se.

Se a gente que diz governar fosse gente de senso, se de facto governasse alguma coisa honestamente e com desintresse, viam esses casos todos e providenciavam, mas essa gente não governa nem tenta governar: governa-se; e é por isto que, ou o público põe cobro a isso por si próprio ou continuará a ser roubado por uns e a ser acutilado por outros, e uns e outros equivalerão.

Como estes há muitos outros casos a tratar, que se o quiserem eu irei tratando.

O comércio já era a síntese do roubo, mas tem escandaloso se tornou com a guerra que mister se torna gritar bem alto o que ele é, que se de conhecimento ao público das suas patifarias, e da proteção que todos os governos lhe dispensam, para que, em dado momento, o povo saiba dar-lhes o tratamento que uns e outros merecem.

«Vosso e da causa»

Max Dortz

União dos Sindicatos Operários

Até ontem às 6 horas foram entregues na sede da U. S. O., pela delegação incumbida de receber os donativos de camadas ferroviárias, a quantia de 211.825, cuja lista publicaremos amanhã.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único Metalúrgico. — O Conselho Técnico e de Melhoramentos na sua última reunião, registou com satisfação a forma como a Comissão Administrativa da Associação de Classe dos Operários do Arsenal de Marinha e Corderaria Nacional, tratou do assunto que dizia respeito a operários daquele estabelecimento de Estado estarem trabalhando nas empresas particulares em prejuízo dos metalúrgicos sem trabalho. Como se deprende do ofício enviado por aquela colectividade à este Sindicato, é de crer que no futuro tal caso só se tornará a repetir depois de ter sido consultado este Sindicato. Sobre a questão das horas suplementares o conselho deliberou lembrar à classe que muito custou a conquista das 8 horas e que agora por mero egoísmo de um certo número de camaradas se esteja servindo os planos dos industriais metalúrgicos que pretendem alcançar do governo o restabelecimento das 10 horas.

Apreciamos as probabilidades da criação duma secção no Barreiro para lá fazerem parte os metalúrgicos daquela vila e do Seixal, resolvendo para esse fim realizar no domingo, 31 do corrente, na sede da Associação dos Corticeiros do Barreiro, uma sessão de propaganda associativa a que assistirão delegados de Lisboa.

O Conselho, tendo em consideração o resolvido na última assembleia geral, com respeito ao auxílio moral e material a prestar aos soldados de Alameda em greve há três semanas, nomeou dois delegados que hoje assistirão à reunião dos grevistas.

Tendo sido presente ao Conselho pelo camarada secretário geral como seu relator o regulamento para as secções, deliberou-se convidar as comissões administrativas das secções a reunirem amanhã conjuntamente com o Conselho Técnico e de Melhoramentos e a Comissão Administrativa Central, a fim de se discutir o citado regulamento.

Fogoiros de Mar e Terra. — Apresentou esta classe, em 17 do próximo passado, uma nota de reclamação à diversas empresas de navegação, delongando estas a resolução das mesmas petições na Comissão dos Transportes Marítimos e havendo efectuado um comissão desta classe, desde essa data, hoje várias «demarches», chegando finalmente a um acordo com o director geral da mesma Comissão de Transportes Marítimos, no dia 1 de este mês, mas como ainda esse acordo se não encontra em vigor, reúne amanhã a classe, em sessão magna, para resolver sobre o caminho a seguir.

CONVOCAÇÃO

Federação da Construção Civil — (Comissão Inter-Sindical). — Convidamos as camaradas que ainda não entregaram as quotas para as camaradas que estão suspensas nas obras do Castelo, a vir hoje à sede das 14 às 16.

Pessoal dos Hospitais. — Reunião amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, a fim de tratar do conflito nos hospitais e das reclamações da classe, reunindo com qualquer número de sócios por ser a segunda convocação.

Trabalhadores de Imprensa. — Reúne hoje, às 15 horas, com qualquer número a assembleia geral para tomar conhecimento de uma comunicação dos trabalhadores da imprensa do Porto e dos trabalhos da comissão encarregada de tratar das reclamações da classe, junto das empresas jornalísticas, etc.

Classe Textil. — Pelas 17 horas, na sede da Associação dos Manipuladores de Borracha, rua do Beato, 47, 2.º, reúnem os operários tecelões das fábricas Black, Varandas, Matos e Magalhães Bastos, para apreciar o estabelecimento do dia normal de 8 horas, a socialização da indústria e o estabelecimento do salário mínimo para todo o operariado.

Torneios em Madeira. — São convidados os camaradas avisados a comparecer hoje, sem falta, pelas 14 horas, para assuntos que se prendem com este organismo.

O desastre do Bairro Social do Arro do Cego

Pelas 21.30 minutos de ontem, foi transportado da morgue para o Bairro Social o cadáver do infeliz operário António Augusto Ribeiro, que há díficil soterrado numa barreira do Bairro. O cadáver foi conduzido em carr de colunas, puchado a uma panela sendo acompanhado por um grande número de colegas de todas as categorias. Durante a noite organizaram-se vários turnos, onde esteve representado o pessoal administrativo e o pessoal operário.

O funeral, que se realiza na próxima segunda-feira, pelas 15 horas, sairá do Bairro Social para o cemitério do Lumiar, estando a cargo da Agência Maheiro.

Trabalhadores lede e propaga

Solidariedade operária

Na administração deste jornal encontram-se depositadas as seguintes quantias de subscrições a favor de várias classes, abertas entre o proletariado consciente:

Operários cerâmicos: Mário C. Silva, 30; Obra da rua de Seixal, 50; Fábricas de tabaco, pessoa da Régia, 1354; Soma, 1434.

Operários da Companhia das Águas: Obra da rua do Seixal, 50.

Arsénio José Filipe: Secção Eléctrica da Carris, 50; Freitas, A. Alm. Costa e J. Marque, 1500; Soma 1570.

Operários da C. U. F.: Soldadores de Lisboa e arredores, 1384.

Manufactureiros de calçado presos por questões sociais: Troupe «O Bichinho», 400.

Ferrovários: Gonçalves Jorge, 40; Obra de Castelo S. Corre, 350; Soma 450.

Antero de LIMA

COISAS QUE É BOM CONHECER

O NEGÓCIO DOS SABÕES

Meu caro redactor. — Não fora ter em conta a influência de original que vos assobinha e talvez até já vos tivesse importunado com umas cartas sobre assuntos de alimentação pública; que tanto precisam ser tratados e especialmente por quem entende um pouco do que é o comércio na sua essência.

Os governos, ou para me expressar melhor esses capadócios que tem passado pelas chamadas cadeiras governamentais, com o intuito de calar a opinião pública, que tantas vezes tem estado prestes a manifestar-se eficientemente contra o acambramento e os acambradores, tem sido sobrios em publicar leis, ou decretos, que outro prestimo não tem tido que o de deitar poeira aos olhos dos ingenuos.

Sei quem reportar-nos a casos anteriores, que os há interessantes e muitos, cito o que está dando com o sabão da fábrica do sr. Alfredo da Silva.

É costume desse tipo, ou às suas ordens, provocar a falta de sabões no mercado. É como é que eles conseguem provocar essa falta? Facilmente: os pedidos são feitos, digo, aceites condicionadamente, sem compromisso de quantidade de entrega nem preço. Nessas conformidades o comerciante está sujeito à quantidade, que lhe queiram fazer e pelo preço que entenderem entregar-lhe.

Alfredo da Silva tem, como é natural e fácil, visto que é quasi a única fábrica de sabões de Portugal, pelo menos, a mais importante, uma estatística muito completa do consumo de sabões no país; sabe, portanto, quando os «stocks» estão baixos; e para conseguir a pretendida falta e consequente subida só vai fornecendo a conta-gotas. Num dado momento insinua que não tem sabões e começa a deixar de executar pedidos. Vai ter com os seus amigos dos ministérios para que alterem a tabela, o que eles não fazem logo com medo do público, mas no fundo estão de perfeito acordo. Começa pois Alfredo da Silva a não fornecer sabão, ou a fornecer por preço superior à tabela, mas só a um ou outro amigo da quadrilha.

O público precisa do artigo, sente-se sem outra lei mais forte, que seja a da necessidade, sem apoio para protestar, porque a imprensa não diz por ter os seus interesses ligados a todas essas grandes empresas ou elas estarem vendidas, e compra por todo o preço. Passam-se os dias e já ninguém estranha os novos preços; antes, já é um grande favor obter o artigo seja pelo preço que for, e é então o momento adequado para a subida, sem o mínimo protesto. É isso o que se está passando neste momento com o sabão.

Não há sabão na cidade, deve haver pouco em todo o país. Percorrese todo as mercearias e a resposta obtida é sempre a mesma: «a Companhia já pede a 56 centavos por cada quilo e a tabela não autoriza a venda a mais de 52 centavos». Está, pois, lançado o balé, está, pois, lançado mais esse assalto à riqueza pública, pelo sr. Alfredo da Silva.

A quem é leigo na matéria afugasse-se, que a questão posta nestes termos está certa, mas para que aqueles que privam há 25 anos com saboeiros, moageiros, armazeneiros, merceiros, etc., o caso muda de figura.

Pela prática que temos do mistério em que gastamos os nossos dias e a nossa energia, sabemos quando eles estão para dar o assalto. Quando se nota que se vai produzir a alta logo, tanto armazeneiros como merceiros, tem o cuidado de se prepararem escondendo as existências em bom recato e mostrando ao público o perigo em que está de se ver privado de tal ou qual artigo. E não é isto exclusivo de um ou dois comerciantes; não; isto hoje, e muito especialmente depois da guerra, generalizou-se e todos o praticam. Eu seria capaz de apostar que há por aí muito sabão. Depois da guerra não há merceiro por mais pequeno que seja que não tenha o seu depósito para esconder os artigos que não lhe convem que estejam à vista do público.

Para mim é ponto de fé que há ainda muito sabão espalhado por essa cidade e por esse país, mas não é só ponto de fé, é certeza. Não há, é claro, o necessário para um consumo prolongado, mas há ainda muito. É, pois, este o segundo aspecto da questão.

O que alegou Alfredo da Silva para fazer com o sabão no mercado, ou o que alega ele para provocar a alta de preço? Não sei. Não tenho lido a imprensa burguesa pelo jeito que ela me provoca, há um tempo a esta parte, e por isso nem mesmo sei se nela se tem tratado do caso, mas se calhar alega-se o que sempre se alegou: a falta de matérias primas. Mas isso é a mais descabida velhacaria. É sempre foi.

Quando há tempo, Alfredo da Silva provocou outra alta, alegou essa coisa e toda a gente sabia da existência duma imensa quantidade de sementes olivais.

Antero de LIMA

Perseguições governamentais

Comissão Pró-presos por Questões Sociais

Constatou com satisfação o facto da camarada Manuel Soares, da construção civil, ter sido ontem restituído a liberdade. Tratou largamente da situação das camaradas de Olhão, para os quais recebeu da Associação Marítima da mesma localidade a quantia de 1500, equivalente a 501 por associado, conforme foi aprovado na U. S. O. de Lisboa.

Previne-se de novo a Associação dos Alfaiates de que não pode tomar conta da sua sede, em vista da comunicação feita pelo director da policia de segurança ao Estado a uma delegação desta comissão que a procurou para tal fim. Tomou conhecimento da prisão do camarada José Maria Russo da Cunha, servente do Depósito Central de Fardamentos e que se encontra na esquadra do Caminho Novo.

Constatou esta comissão que se encontra preso arbitrariamente há vinte e tantos dias o ferroviário Arménio da Silva, que está na esquadra do Caminho Novo.

Foi resolvido que uma delegação desta comissão fosse ao encontro do director da policia de segurança do Estado entregar-lhe uma lista de todos os operários presos em diversas localidades, a fim de que sejam restituídos a liberdade o mais depressa possível, pois já chega a impacientar a valer a classe trabalhadora tantas violências exercidas sobre operários honestos, que tem o

O automóvel do ministro do trabalho

sofre uma avaria, ficando feridas algumas pessoas

O presidente do ministério recebeu novo telegrama do administrador do concelho de Porto de Mós, dizendo que os feridos em resultado da avaria sofrida pelo automóvel que ia ao Porto buscar o ministro do trabalho são os sr. Custódio Dantas, Verdu Martins, secretário do ministério; Ribeiro Santos e Francisco Vieira, que estão melhores mas não podem seguir viagem. O automóvel ficou muito avariado e o correio Marques nada sofreu.

QUEIXAS

Transcrevemos de A Luta, de ontem:

«Um «Grupo de soldados» do regimento de infantaria n.º 4 enviou-nos uma reclamação, protestando contra o facto de, estando de prevenção durante 15 dias no grupo de companhias de infantaria 16, à Graça, não terem recebido a gratificação de 40 centavos que a lei preciza. Para o facto pedem a atenção de quem compete, tanto mais que os seus camaradas de infantaria 7, 15 e 16 receberam essa gratificação».

Igual reclamação foi entregue nesta oficina.

Antero de LIMA

CONTOS DE "A BATALHA"

A INVASÃO

Naquele domingo de estio abençoado havia festa na vila.

No largo principal da povoação, todo rodeado de casitas caiadas e cor-de-rosa, sob o sol escaldante, como lenha num forno, via-se a maioria mais na mira de divertirse do que para negociar. No entanto realizavam-se espiandidos negócios porque o ano prometia ser farto.

O trigo, já frouxo, e alto, esperava a colheita, a uva não tardaria a pintar e os pomares iam-se abando carregados de frutos. Os mais velhos dos velhos diziam nunca terem visto um ano tão quente e tão fecundo. Por isso a alegria avivara as cores em todos os rostos e acendia reflexos em todos os olhos.

Mercava-se, ria-se e bailava-se.

Aqui, uma vendedeira sentada num vaso vendia longa bacca ou vasilhas viandas e reluzentes. Ali, um balcão ambulante ostentava uma longa fila de objectos de barro: porcos-paliteiros, galinhos sentados e corcudas, galos verdes de cristas rufadas, os três santos de Junho e a vintem e a bonequinha malfeitos e de bois de derreir.

Mais adiante, um grupo de bois de cor de barro cozido esperavam, sacudindo as caudas e moscas imperitantes, a venda do novo dono.

De tudo por ali se encontrava uma policromia estonteante. Botas rudes, alinhadas como soldados, sobre baús de pinho; arreios para bestas; vitrines repletas de cadeias enormes, berloques, brincos, figurinhas e cornichos de azeviche para pendurar ao pescoço tenro dos recém-nascidos e furtivos ao mau olhado.

As vezes oboas vacas malhadas atravessavam a passo lento por entre a confusão humana.

A todo o instante, ao som alegre da guizalheira, chegavam trens, charabans, carroças, galeiros a de todos os tamanhos e feitios. Os cavalos arrancavam sonoros tridos ao empedrado e sentiam-se ufanos da cabeçada nova, do rabo em trança e dos laçotes vermelhos espetados na crina; os cavaleiros mostravam a toda a gente a falcia de astrakhan e o chapéu de aba larga.

As saloias, também se envidavam dos lenços pintalados, da blusa amarela e da sala azul ferrete. Muitas delas passavam o dia no oúvies escolhendo brinços em meia-lua ou cordões pesados, massivos que pagavam com chapas de prata arrancadas a custo dum saco de chá.

Outras compravam rendas complicadas aos ciganos—acampados um pouco aparte com os seus cobertores listrados como zebras, com as classicas eguias, físcias e as "buena-dichas" lidas em lingua de trapos.

Por entre aquele conjunto de cores variadas e movidas, por entre aquela perpétua fluxa e reflexa de luz, notavam-se, aqui e acolá, manchas mais vivas e fixas.

Os guarda-sóis enormes das vendedeiras ambulantes, ora resaltando vermelhos e sensuais como grandes papoalinas numa ceia estranha; ora roxos e tristes como violetas fantásticas ou ainda, brancos, brancos do sol lembrando os cogumelos descomuns das novelas de Júlio Verne.

Também os telhados de lona eram de quando em quando, notas alvas e alegres em pleno tumulto.

Um carro coberto por um toldo em forma de túnel onde surdiment, às vezes, rostos crestados, um barrete verde ou uns olhos negros espreitando; uma barraca de petiscos onde os lavradores comem gato por lebre, bebem vinho por grandes caniflões e combinam negócios vendo constantemente as horas em grandes relógios de ouro.

Envolvía todo este colorido intenso uma algazarra interminável onde as palavras se perdiam, se fundiam noutras palavras, saltavam, voavam desencontradas sem fazerem sentido, transformando-se por fim no zumbido ensurdecedor daquele exame humano e irrequieto.

Trocavam-se gráçolas, as crianças riam gargalhadas alarves, os meninos de colo choravam no apertão, os namorados atiravam as moçoilas, sobre o mar de cabeças que os separava, madrigais picarescos e um vilhote agardado a raboia de um arado, agitando a bórda do barrete, discutia a altos berros a politica local com outro velho de sulcas.

O calor aumentava sempre; sufocava-se, soprava-se. Nem sei como os homens podiam suportar os grossos fatos domingueiros; ror era o que despiu a jaqueta, pondo no turbilhão a nota pura da camisa branca e a mancha sangrenta da sua cinta.

Apesar da atmosfera do largo ser tão abafada como a de uma estufa, as quatro estradas que nele desembocavam não se cansavam de despejar gente e mais gente.

De onde em onde, dum carro mais luxuoso e raro naquelas paragens—um phaeton ou um touneau—descia um rico elegante, vestido à cidade. Nele se cravam abertos de assombro os olhos da multidão, não compreendendo, talvez, a existência de milionários entre gente tão simples.

Só um magato gesticulador não dava nem pela chegada dos pobres nem dos ricos tão atarefado estava em esvascar aos pôneis uma enorme pipa que viera de carroça.

Topava-se também inesperadamente com algum rapazote sonhador, apoiando as mãos na ponta do varapau, o queixo sobre as mãos, fitando vagamente os grandes olhos escuros no vaim incessante. Passavam por ele as raparigas e cochichavam entre si que o Manuel andava roído de paixão pela Joaquina.

Os leprosos e os mendigos, expondo ao sol as gangrenas ponteadas de moscas ou os membros trucidados, resavam ladainhas monótonas na esperança do vintém. E a multidão passava e perpassava, indiferente, cheia de vida, cheia de saúde.

Os trajes, sempre berrantes, das mulheres viviam em tonalidades diversas, nos contrastes violentos do sol e no aveludado mado da sombra—a vida exuberante da cor.

A todo o momento chegavam mais camponeses cobertos de poeira.

Quando se olhava para as estradas alvas como brinços de fantasia serpenteando até à volta do horizonte, via-se um formigueiro avançando aos grupos;

ou uma carripana, em miniatura pela distancia, correndo a trote envolta numa nuvem de pó. A vista interessada alargava-se pela amplitude dos campos, tropeçando numa horta muito fresca, deliciando-se na contemplação dos pomares verde-escuros, seguindo a vinha dourada que corria encosta acima: prendendo-se de subito uma porta vermelha—nóia rubra em camuflado de cal—ou num moirão de azas brancas inertes esperando, rígido, lá em cima, pelo bafo quente que o movesse.

Mais além a ceia amarelada imensa prolongava-se até ao infinito.

Mas de novo a balbúrdia da feira nos arrastava para as coisas humanas.

Num recanto do largo um punhado de rapazes espanhóis e raparigas coidadas, armou, brincadeira. O resfolgar do harmonium atirou para lá bailladores sem conto. Foram os primeiros do Toino-ma-la-Maria, que muito abraçados pulavam as carreirinhas, e em breve, turbilhavam-se os pares no verdejante, ali sacarocando-se, eles batendo nervosamente os tacões, tremendo-lhes as borlas dos barretes no ar como borboletas exóticas. Em redor os velhos faziam comentários recordando os tempos fidos.

Um viria durou duas horas e o tocador (melhor não se descobria praqueas bandas) ganhou bom dinheiro e bebeu até delírio.

Andava a folia espalhada pela vila; a todo tocava o seu quinhão. Só os que estrearam botas novas e apertadas desenhavam um sorriso contrafeito, não fazendo senão arrastarem-se ao cajado.

II

Mas, o sol escureceu de subito. Entre oitavo-se, surpresa a multidão; calaram-se todas as vozes; estagnou o movimento.

Uma nuvem pesada ocultou a luz e manchou de sombra os campos melancólicos.

Que seria? cada rosto era um ponto de interrogação. Interrogação a um tempo ansiosa e plena de receio.

Que seria? Voltaram-se para o céu os olhos muito redondos prescriturados; abriam-se as bocas cretinamente. Os pares dançantes ficaram-se enlaçados e abstracções, o harmonium meio enfiado suspendeu repentinamente. Ao vir assim todos os gestos, curtos, em suspensão, tive a impressão de que todas aquelas figuras pousavam para um vasto quadro de Malhoa.

Que seria? E a nuvem avançava negra, sinistra, compacta, ameaçadora! Nunca se tinha visto uma nuvem assim! Parecia de ferro ferugento, com pontos brilhantes entremetidos de aço polido.

A BATALHA

No Pôrto

A União dos Sindicatos do Pôrto
—O pessoal da Carris—Falecimento do militante operário
Antônio Sequeira—O seu enterro foi uma verdadeira manifestação de sentimento

PORTO, 20.—Com regular concorrencia de delegados, reuniu a União dos Sindicatos Operários. Aproveitou a acta, foi lido o expediente, entre o qual dois officios: um, da União Operária Nacional (2.ª secção), comunicando a organização da Associação de Classe dos Cartageiros desta cidade, dando a sua adesão ao organismo local e nomeando os seus delegados, embora por lapso, não viessem mencionados os seus nomes. Em consequência desta falta, foi resolvido officiar-se ao camarada Tercio para indicar, o mais breve possível, quais os nomes dos representantes à U. S. O. daquella Associação nascente. O segundo officio era dimanado do Sindicato dos Empregados da Carris, informando ser falso o que a Companhia tornou publico na imprensa local, propalando que o termo de confilto com os seus empregados fôra feito só com a condição de conceder-lhes 30 % sobre os primitivos salários e nada mais. Ora a verdade é que, além dos 30 % dados, a mesma Companhia indenizou os dias em que estiveram em greve os reclamantes e regulamentou o horário do trabalho. O camarada secretário geral, Armando Cardoso, participou a assembleia a infamante noticia do falecimento do propagandista incansável Antônio Sequeira, operário metalúrgico, e que a sua classe ultimamente devotou todas as suas dedicações para o seu levantamento moral e material. Vítima de uma flagelação tuberculosa, que é o único prêmio certo da quasi totalidade da massa trabalhadora, além das violências patronais e governamentais, após uma existência de trabalho bestial e mal remunerado, de atribulações, de infelididades, de tristezas, Antônio Sequeira, porém, era de ânimo forte; e, apesar dos revezes da sua vida económica o fazerem passar por diferentes vezes, senão quasi sempre, por um regime de fome, conservando-se no seu acanhamento e raro apelando para a solidariedade dos seus camaradas, não querendo dar a conhecer a sua triste vida de pária—ele trabalhou, até ao último momento em que as forças físicas lhe permitiam, pela sagrada causa dos que são oprimidos por esta sociedade tirânica e fideiulada de privilégios irritantes. Desempenhou alguns cargos na União dos Sindicatos Operários, com affeição e entusiasmo, com a fé ardente no futuro do proletariado e que, na sua maioria, ainda muito mal o compreende, como mal compreende aqueles que, com devoção, se dedicam ao conseguimento da sua inteira liberdade.

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

Logo que o camarada Armando Cardoso communicou tam tristissimo acontecimento à assembleia, proferindo, a propósito, algumas frases economicistas a vítima da sociedade, foi resolvido interromper-se a sessão em sinal de sentimento, marcando-se a proxima para sexta feira. Antes de encerrar a sessão, porém, o camarada Serafim Cardoso Lucena proferiu um discurso de homenagem fúnebre ao falecido militante, pondo em relevo os seus sentimentos, a sua actividade, as suas qualidades morais e o seu valor como propagandista operário e amigo de todos os que sofrem as desigualdades sociais, como ele também sofreu.

Para que o enterro deste pobre militante resultasse uma verdadeira manifestação de sentimento e homenagem aos seus restos mortais, a União dos Sindicatos Operários convidou a assistência das direcções das colectividades profissionais e o operariado em geral. De facto, o cortejo fúnebre foi engrossado por umas 600 pessoas, aproximadamente, pertencentes a varias profissões, além da representação das colectividades operárias convidadas. Junto do coval, em Agramonte, alçada e perpétua morada do indito Antônio Sequeira, falaram: pelos metalúrgicos, David de Oliveira; pela U. S. O. N., Antônio Teixeira; pelo U. S. O. Armando Cardoso; pelo jornal A Aurora, Norberto Teixeira de Carvalho; e pela Associação dos operários funileiros, Anastácio Ramos. No fim do acto, foi tirada uma quebra para a viúva e filhos, que fenderam \$300.

As subsistências — Rumores do povo estomeado

Enquanto a policia do Estado se entretem a estender a rede, caçando os operários que cometem o grandioso crime de pensarem livremente, os comeciães vão aumentando o preço ao género, pretextando a falta de transporte ferroviário quando, como toda a gente sabe, os serviços estão completamente normalizados. O arroz, o açúcar e o azeite de preferencia, enascerem da noite para o dia e da manhã para a tarde, aos tostões, por causa dos abusos. O povo médio, que é como quem diz, o consumidor miserável começa de protestar, queixando-se amargamente da roubalheira infrene de que é vítima e malizando a acção rapinante dos negociantes que tripudiam livremente fazendo boicote, por todos os processos. Entretanto os géneros vão apodrecendo nos esconderijos. Há pouco apreenderam-se sacas de arroz quando conduzidos em carros, largando um aroma nauseante. Agora foi um outro carro carregado com 20 quintais de balhaou completamente podre, cujo 20 quintais saíram duns subterrâneos sitos na histórica Fonte Taurina, para os lados da não menos histórica rua S. João Novo. As firmas implicadas são a Sociedade Mercantil Industrial Ltda. e o sr. João Celestino. Pensem que houve sacas aos armazéns? Isso sim. Tudo como dantes... que o povo é de bom comer. Todavia, segundo corre por cá, os negociantes de balhaou, em face da abundancia da sardinha que tem havido ultimamente, pensam num truco que ainda não está bem averiguado, tentando conseguir diminuir o abusa da pesca em demasia, ou, pelo menos, da venda daquelles peixes, que constituem o principal alimento dos pobres, depois do pão negro e intragável que a camara fornece como uma rica prenda. Será assim? Num país como este, tudo é pro-

A BATALHA

No Pôrto

A União dos Sindicatos do Pôrto
—O pessoal da Carris—Falecimento do militante operário
Antônio Sequeira—O seu enterro foi uma verdadeira manifestação de sentimento

PORTO, 20.—Com regular concorrencia de delegados, reuniu a União dos Sindicatos Operários. Aproveitou a acta, foi lido o expediente, entre o qual dois officios: um, da União Operária Nacional (2.ª secção), comunicando a organização da Associação de Classe dos Cartageiros desta cidade, dando a sua adesão ao organismo local e nomeando os seus delegados, embora por lapso, não viessem mencionados os seus nomes. Em consequência desta falta, foi resolvido officiar-se ao camarada Tercio para indicar, o mais breve possível, quais os nomes dos representantes à U. S. O. daquella Associação nascente. O segundo officio era dimanado do Sindicato dos Empregados da Carris, informando ser falso o que a Companhia tornou publico na imprensa local, propalando que o termo de confilto com os seus empregados fôra feito só com a condição de conceder-lhes 30 % sobre os primitivos salários e nada mais. Ora a verdade é que, além dos 30 % dados, a mesma Companhia indenizou os dias em que estiveram em greve os reclamantes e regulamentou o horário do trabalho. O camarada secretário geral, Armando Cardoso, participou a assembleia a infamante noticia do falecimento do propagandista inc

COOPERATIVE FINANCIAL RE-SOURCES, L.P.

SOCIEDADE FINANCIAL DE SEGUROS, LT.

257 **ANGARAGEM E CORRETAGEM**

REPRESENTAÇÃO DE COMPANHIAS DE SEGUROS

Praca do Município, 13

TELEFONES: C. 1385 E 2974 **Gerente: J. FORCADA**

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

cidade anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Editos de 30 dias

Conter da data da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros ficando sub-chefe de distrito n.º 28 da divisão de Via e Obras, Joaquim Gaimelo, pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 29 de Maio de 1887, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da Viúva Rosária Gaimelo.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 11 de Agosto de 1918. — O presidente da Comissão Executiva, *João A. de Melo Sousa.*



Conter da data da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros ficando sub-chefe de distrito n.º 28 da divisão de Via e Obras, Joaquim Gaimelo, pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 29 de Maio de 1887, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da Viúva Maria de Jesus Gaimelo.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 3 de Agosto de 1918.

O Presidente da Comissão Executiva
João A. de Melo Sousa

...contar da publicação do presente anuário
correm editos de 30 dias para se habilitar
em junto da Companhia dos Caminhos de
Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido
Sr. João de Lázaro, filho de Sr. João de
Lázaro, nº. 28 da Divisão de Via e Obras, á
qual praxe lhe legada, como pensionista da
Via de Reformas e Penas da referida
Companhia, nos termos do Regulamento de
de Maio de 1887, concorrendo á divisaõ
impugnando o pedido em requerimento
do Viso Rita do Jesus Duarte.

Inde este praso será tomada deliberação
conformidade das disposições do citado
Regulamento, para se deffinir os effeitos.

Em 11 de Agosto de 1890, o presidente
da Companhia dos Caminhos de Ferro de

SÍFILIS

Grande descoberto de plantas para a cura sibilica da sífilis as doenças venéreas e destruição do sangue. Contém de passos ao tratamento. Trata-se de todas as doenças por males ervas. Pacote, 600 reais. Travessa de Oliveira, rua do lado, direito, à Estrada.

FÁBRICA DE CARIMBOS

DE A. S. Musgueira

Especialidade em carimbos e borracha, numeradores automáticos, datadores, prensas para lossetes para roupa, monogramas em prata e ouro para carteles com esmerado acabamento. Urosinhos para bordar, tinta para carimbos, etc., etc. Grande fornecimento de chapas de ferro esmaltado. Trabalhos tipográficos em todos os gêneros. — 79, Rua Augusta, 79—LISBOA.

contar da publicação do presente annuário em editores de 50 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Porto Portuguez os herdeiros do falecido então reformado Manuel Agostinho, ex-ferente do distrito n.º 8 da Divisão de Via e Obras, a pensar por ele legada como pensista da Caixa de Reformas e Pensões preferida Companhia, nos termos do Regulamento de 24 de Maio de 1897, concordando a divisão ou impugnando o pedido requerimento da viuva Maria Luiza Agostinho e sua filha sobrinha Laura.

contar da publicação do presente annuário em editores de 50 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Porto Portuguez os herdeiros do falecido então reformado Manuel Agostinho, ex-ferente do distrito n.º 8 da Divisão de Via e Obras, a pensar por ele legada como pensista da Caixa de Reformas e Pensões preferida Companhia, nos termos do Regulamento de 24 de Maio de 1897, concordando a divisão ou impugnando o pedido requerimento da viuva Maria Luiza Agostinho e sua filha sobrinha Laura.

J. FORCADA & C.^a

COMISSÁRIOS DE AVARIAS

Corretagem e angariação de Seguros

**GRANDE RETIRO DAS PEDRAÇULAS
BEMFICA**
A dois passos do terminus dos electricos
Completo e luxuosamente transformado

O primeiro restaurant dos arredores de Lisboa

SALAS RESERVADAS PARA FAMILIAS
MEZAS PEQUENAS

Grande adega à lavradora com vinho da própria quinta,
explendida vista e magnífica paisagem.

Luxo e conforto

A Rússia Nova

por Henriette Roland

Introdução de Perfeito de Carvalho

O sumário desta utilíssima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata ela da "Constituição actual da Rússia. — Estudo de um novo regime social. — Os Soviets e a sua obra. — Abolição da propriedade privada e reforma agrária. — Os serviços de instrução na Rússia. — Os factos principais, ocorridos no primeiro anno da ditadura proletária vigente na Rússia, são aqui amplamente estudados, sobre textos de Oulianoff (Lénine), de Lunatcharsky e de outros vultos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime

...nota prévia por Es-
...rochura.

0 centavos

...ministração de A BA-
do Combro, 38-A. 2.º

...novo é analisada no seu aspecto essen-
cial.

Uma bela brochura de 32 páginas,
composição compacta, capa a cores.

Preço \$10 centavos

A' venda na administração de A BA-
TALHA, Calçada do Combro, 38-A. 2.º